

## **A nova razão do mundo: neoliberalismo fascista e fundamentalista**

Autor - Nome: Horacio Rodrigo Souza Rodrigues

E-mail: horacio.r.sr@gmail.com

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Titulação máxima: Oceanólogo - Mestrando em Educação Ambiental

CPF: 015830620-17

Endereço: Av. Itália Km8 S/N - CEU1 - Campus Carreiros - FURG

Telefone: (53)999339292

Coautor - Nome: Carlos Roberto da Silva Machado

E-mail: carlosmachado2004furg@gmail.com

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande - FURG/Universidade do Porto

Titulação máxima: Doutor em Educação

CPF: 295465400-72

Endereço: Av. Atlântica 468 apto 204 cassino, Rio Grande, Brasil

Telefone: (51)992565596

### **Resumo**

A imposição das ideologias neoliberais como não ideologias no Brasil, que culminaram com a “tomada” do governo via eleições envolveu um espectro político que juntou militares, empresários, banqueiros, especuladores, reacionários, conservadores, monarquistas, pastores e até um astrólogo (guru do atual presidente e assecclas), ao criarem um inimigo a ser “abatido” mostraram um novo e perverso modo de fazer política. Argumentamos neste trabalho que isso foi possível devido, também, ao desenvolvimento de uma estratégia de longo prazo de produção hegemônica de uma nova razão de pensar e se relacionar no e com o mundo: a produção das pessoas como empresas, que pensam que competem num “dito mercado livre” e que enriquecem ou fracassam por mérito individual, ou divino; ao mesmo tempo, em que desmantelam o senso de comunidade, de solidariedade e de justiça social como preconiza Mises, Hayek e Friedman (DARDOT e LAVAL, 2014)<sup>1</sup>. Tal processo se insere no contexto de crise do capitalismo mundial que levou à destituição dos governos progressistas da América Latina que se sustentavam nos recursos do extrativismo e não tiveram mais como sustentar sua aliança de classes (SVAMPA, 2012). Contribuiu, também, para isso a estratégia de guerras híbridas desenvolvida pelos EUA (KURYBKO, 2018). A construção da hegemonia via “empresariamento de si” como estudo de caso exemplificaremos através das ações do Clube Atlântico, membro da rede Students for Liberty na cidade do Rio Grande (e na FURG), como parte desta estratégia internacional,

<sup>1</sup> O processo de produção e *re-produção* das relações sociais, não como algo externo (ideologia dominante) que se impõe sobre o ser, sobre o indivíduo; mas sim de algo que é produzido desde e a partir das relações sociais, desde e a partir dos próprios interesses, cultura, vivências e tradições vividas pelo indivíduo em suas relações e que o capitalismo e seus ideólogos via ações concretas buscavam incidir, e re-produzir e produzir já tinha sido destacado por Henri Lefebvre nos anos 1960 e 1970 (LEFEBVRE, 1973), e que na atualidade se ampliou de forma avassaladora com as redes sociais criadas.

nos anos anteriores a 2016.

**Palavras chave:** neoliberalismo, golpe, clube atlântico, students for liberty

## **Introdução**

Partiremos do pressuposto de que o conteúdo do que é democracia em sua relação com o mercado não é discutido em suas contradições e conflitos decorrentes da materialidade relacional que subjaz no debate abstrato destas palavras (ou conceitos) seja no campo da política ou da sociologia por parte das perspectivas liberais, neoliberais e, portanto, hegemônicas. No senso comum tais palavras são abstrações explicativas onde o mercado é associado à democracia e, está circunscrita às eleições periódicas em processos competitivos eleitorais e à liberdade do próprio mercado. No entanto, se nossa definição de democracia se relaciona ao fazer político na busca permanente de melhoria das condições de vida desiguais, injustas e de exploração da natureza e dos trabalhadores existente na sociedade que vivemos – o capitalismo -; ou na busca da superação das condições de exclusão de milhares de pessoas no Brasil do dito mercado e da dita liberdade abstrata, isso é denunciado pelos liberais, neoliberais e jornalistas da mídia empresarial como populismo.

Portanto, em nossa perspectiva a democracia se contradiz com o livre mercado, se considerarmos a materialidade relacional subjacente na sociedade e que tais abstrações devem ser referidas, relacionadas, consideradas. Além disso, porque, sendo o mercado concorrencial, de disputa e de luta entre tudo e todos no qual vencem os melhores, os mais competentes e espertos, nem todos e todas saíam vencedores ou acenderiam as benesses apontadas por seus apologistas. Além disso, as condições materiais pregressas como ponto de partida dos “competidores” não são iguais, eles e elas não partem das mesmas condições e portanto alguns tenderão a ter melhores rendimentos, ascender aos postos mais elevados do que outros<sup>2</sup>.

Portanto, se o mercado é possibilitador de riqueza individual como consequência do esforço de cada um/a, a democracia e seus instrumentos de redistribuição de renda e de amenização da apropriação desigual da riqueza e das terras seriam incompatíveis com tal perspectiva, e portanto, desnecessária, e pode ser subtraída da sociedade – por uma ditadura - já que o fundamental seria o mercado<sup>3</sup>. Tal questão é fulcral no debate atual brasileiro, e neste trabalho partiremos da hipótese de que há uma contradição entre a

2 Tal retórica abstrata que aqui desenvolvemos no debate, inclusive, nem tocou no fato do monopólio, no domínio, do pensamento único produzidos e re-produzidos por aqueles que pregam que o mercado é livre, mas que na prática eles controlam, dominam e manipulam como mostraremos.

3 É o que dizem os neoliberais em relação a ditadura de Pinochet, ou seja, o mercado é o fundamental, a democracia é um detalhe que pode ser eliminada para o desenvolvimento daquele. **Una carta de Hayek a Salazar y los neoliberales autoritarios, a propósito de la Unión Europea y el Estado Social**, <<http://www.sinpermiso.info/textos/una-carta-de-hayek-a-salazar-y-los-neoliberales-autoritarios-a-proposito-de-la-unin-europea-y-el>>, acesso 14/05/2019

democracia e o mercado (SANTOS, 2018) para problematizar afirmações e aspectos centrais da produção de teóricos liberais e neoliberais - na defesa do mercado em detrimento da democracia - que vegetam em nossas universidades a partir de *tink tanks* norte-americanos e, que, exemplificaremos com o estudo de caso do Clube Atlântico em Rio Grande e na FURG.

Neste trabalho, partiremos de uma resumida genealogia do neoliberalismo, baseada nos estudos de Dardot e Laval (2016), e outros autores, apresentando as origens da ideologia neoliberal, demonstrando a aplicação de tal ideologia como nova racionalidade global e seus efeitos na construção do novo sujeito que se apresenta como quase universal da nossa sociedade no processo de globalização recente. Posteriormente, utilizaremos os estudos de Kurybko (2018) para demonstrar as estratégias estadunidenses na/para a produção de hegemonia política e econômica de tais perspectivas via uma nova forma de guerra e domínio, testadas na Ucrânia em conluio com grupos fascistas, na Síria onde se articulou à tentativa de derrubar o governo com grupos fundamentalistas<sup>4</sup>, e em demais nações do oriente médio e do leste europeu, adjacências da Rússia e da China.

Tais ações seriam parte da nova estratégia geopolítica dos estadunidenses diante de ascensão de novos atores internacionais como a própria Rússia e China (FIORI, 2018) e que vem sendo chamada de guerras híbridas. Essa hibridização argumentamos estar sendo usada na América Latina, construída via *tink tanks* norte-americanos neoliberais<sup>5</sup> como “caldo de cultura” à efetivação da estratégia na arregimentação de aliados internos diante da crise do capitalismo. Na atualidade, vemos que a estratégia deu certo, pois tivemos a eleição de Macri na Argentina, a derrubada de governos no Paraguai, Guatemala, etc. e a eleição de um governo ultrarreacionário subserviente à Washington no Brasil em 2018. Finalizamos nossa reflexão com o caso do Clube Atlântico, agremiação filiada a rede Students for Liberty, através da análise de suas postagens na rede social facebook, como exemplo das estratégias de neoliberalismo cultural como produção hegemônica de ideias, valores e perspectivas de endeusamento do mercado. Ainda, afirmamos ser parte da

4 Mesmo que para isso tenha se aliado ao Taliban, Al Qaeda e Isis ao disponibilizar recursos financeiros e militares junto com a Europa para tais grupos derrubarem o presidente da Síria, mas a estratégia falhou diante da ofensiva Russa e da resistência do povo Curdo.

5 Rede ATLAS, por exemplo, que financia e apoia inúmeros institutos e grupos neoliberais e fascistas liberais em toda a América Latina, mas também outros grupos e indivíduos. Ver: Atlas, <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Antifascismo/Rede-Atlas-a-forca-tarefa-dos-libertarios-de-ultradireita-por-tras-da-ofensiva-capitalista-na-America-Latina/47/41429>>; sobre Steve Bannon, ver: <<https://www.dw.com/pt-br/quatro-fatos-sobre-steve-bannon-o-darth-vader-da-casa-branca/a-37386033>>; sobre Olavo de Carvalho ver: <https://theintercept.com/2018/10/28/novo-brasil-esculpido-olavo-de-carvalho/>, acesso 15/05/2019. No caso, do Brasil há também estratégias de formação nas forças armadas, como mostrou Nassif de estudo de Eduardo Costa Pinto (UFRJ), da doutrinação anti-comunista, ou seria anti-democracia, do general Sérgio Coutinho. Ver: <<https://jornalggn.com.br/noticia/xadrez-da-ultradireita-e-o-pensamento-militar-brasileiro-por-luis-nassif/>>; na UFRJ, ver artigo completo no site: <<http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/discussao/2017/tdie0062019pinto.pdf>>, acesso 14/05/2019.

estratégia maior de domínio norte-americano (manutenção do domínio) sobre nosso país, de seus recursos e da exploração de nosso povo através de uma ideologia que se diz não ser ideologia.

### **Parte 1 - A Nova Razão do mundo é de fascismo neoliberal**

A ideia de um fascismo neoliberal como emergente é uma tese em construção a partir de eventos e ações políticas, econômicas e midiáticas desde as redes sociais e as empresas de comunicação capitalistas a partir da expertise estadunidense diante da crise atual do próprio sistema capitalista mundial. Mas, tal fascismo é diferente dos anos 1930, pois agora pode ser de fato mundial devido (e pela) globalização financeira e as redes virtuais controladas pelos capitalistas via esquemas como a da Analytica (Inglaterra por Steve Bannon, depois usada na eleição de Trump nos EUA, no Brasil, e em emergência na Europa a partir da Itália<sup>6</sup>) (RAMONET, 2016; SANTOS, 2018).

No entanto, a estratégia enfrenta ainda, no momento, setores e grupos liberais que acreditam que o reacionarismo de Bannon/Trump/Bolsonaro e etc. é/seria incompatível com o neoliberalismo da globalização financeira; argumento que pode historicamente ser desmentido pelas próprias ações de Hitler que impulsionou empresas alemãs assim como faz Trump na atualidade ou Bolsonaro via grupo de empresários como Luciano Hang (Havan), Riachuelo, etc. Portanto, com a crise internacional do capitalismo, e a recente guerra comercial dos EUA contra a China e Rússia, os liberais terão que se posicionar do lado da democracia substantiva ou do fascismo internacional liberal e financeiro. Se, nos anos 1930 o capitalismo teve a sua primeira grande crise global, e superada com regimes de exceção (fascismo e nazismo), na atualidade, de que lado ficarão os liberais<sup>7</sup>?

Ou seja, se no início do século XX, a crise do sistema financeiro e a emergência do socialismo, enquanto realidade concreta em alguns países, tornou necessária uma reelaboração conceitual para garantir a permanência do capitalismo enquanto modo de produção; e agora como se desdobrará tal conflito global nas entranhas do próprio sistema capitalista? Mas os liberais continuam pregando que seu sistema vencerá o reacionarismo de Bolsonaro; mas, por outro lado, a política liberal, antipolíticas públicas, retirada de direitos, privatizações e subserviência aos norte-americanos não é questionada ou, pelo

6 Steve Bannon vai abrir uma universidade populista perto de Roma. Jornal PÚBLICO (Portugal): <https://www.publico.pt/2018/09/21/mundo/noticia/universidade-populista-e-o-proximo-passo-da-ofensiva-de-bannon-pela-europa-1844819>, acesso 07/05/2019

7 O discurso dos liberais, exemplo de Martin Wolf (Financial Times) e Fernando Henrique Cardoso, é de se colocarem no centro entre o esquerdismo e o reacionarismo, como os lúcidos, ponderados. Até o Dória, que deu rasteira em FHC recentemente, se diz de centro!. Artigo de Wolf: <https://www.valor.com.br/internacional/6218223/martin-wolf-o-reino-unido-volta-ser-o-pais-problema-da-europa>, acesso 12/05/2019.

contrário, vige a unanimidade em defesa das mesmas<sup>8</sup>.

Nos anos 1930 ocorreu o retorno ao Estado pelos capitalistas, seja devido a crise internacional em regimes ditos liberais e a consolidação da URSS de um lado e a ascensão dos regimes nazista e fascista de outro. Teóricos como Keynes começaram a pensar uma nova forma de operar deste “novo liberalismo”. As mudanças teóricas do liberalismo, tiveram no ano de 1938 suas primeiras formulações realizadas no colóquio de Walter Lippmann, onde a divergência entre neo-austríacos e alemães é destacada em decorrência do tema do intervencionismo, e no qual se criou o Centro Internacional para a Renovação do Liberalismo. Já para Hayek, o pontapé inicial de tais formulações foi a sociedade Mont-Pelerin (1947), posterior a segunda guerra e com contornos mais definidos do que viria a se tornar a nova ordem mundial. Ambos encontros visavam a teorização sobre a intervenção estatal nos países capitalistas em sua relação com o mercado, no sentido de conter a escalada do chamado por eles coletivismo/reformismo, que começa a tomar forma a partir da consolidação da URSS.

Para os neo-austríacos (neoliberais), a crise do capitalismo liberal foi causado pelo abandono da ideologia liberal pelos Estados, no final do século XIX, que para superar situações de crise e controlar o crescimento das ideologias de esquerda passaram a intervir na economia. Para outros teóricos, como Lipmann, Rouges e os economistas da escola alemã a crise se deu por conta justamente do contrário: a falta de intervenção eficiente na proposta da ideologia liberal clássica.

Isto porque, os últimos liberais clássicos (Stuart Mill e Spencer), acreditavam que existiam regiões de não lei na sociedade, sendo a economia de mercado uma delas. Em tal perspectiva o direito à propriedade (acumulação) e sua regulação como natural, e não da própria legislação e jurisprudência. O liberalismo reinventado deveria impedir que o poder pudesse ficar na mão de grupos específicos, garantindo a livre concorrência de todos, no campo político assim como no econômico. Por exemplo, para explicar o que seria em sua ideia o papel do Estado para com a economia, Hayek utiliza a metáfora do código de trânsito, onde a regulação deveria ser unicamente normativa, como as leis de trânsito são para o trânsito, em nenhum momento intervindo de maneira direta em seu funcionamento. Para Lippmann, o liberalismo era uma ideologia necessária historicamente, assim como o socialismo, porém como princípio do capitalismo, não como proposta de transformação, mas uma ideologia intrínseca do modo de produção.

Em suma até este momento histórico, o que seria em teoria o liberalismo renovado tinha em Lippmann a preocupação com a existência de um mecanismo regulador para evitar

8 Como é o caso do déficit da previdência - uma fake news - que é defendida, difundida, referida 24 horas por dia por meios de comunicação social (leia-se empresas de comunicação capitalistas), as quais também têm seus interesses na matéria já que inúmeros bancos e fundos de pensão são proprietários ou financiam as próprias empresas de comunicação.

o monopólio e políticas de garantias sociais, como seguro desemprego. Ele dá importância ao Estado forte, porém composta por uma “elite” especializada, e não totalitária. No entanto, uma outra forma de liberalismo (neoliberalismo), refuta este tipo de intervenção e para além, acredita que o novo modelo deveria “mudar o próprio homem”, pois a sociedade estaria cheia de vícios, por ser adaptada de um modo de produção para outro. Assim como, já apontava, a importância da educação na construção deste novo sujeito para a sociedade com novo formato de liberalismo (DARDOT e LAVAL, 2016, p.92).

De modo prático, a nova forma de operar do liberalismo encontrou na Alemanha sua forma material se existência, divergindo um pouco do considerado neoliberalismo de Mises e Hayek, e veio se tornar a ideologia da reconstrução alemã denominada “ordoliberalismo alemão”. O nome deriva de “manter a ordem”, pois entendiam, diferente dos liberais clássicos, que a concorrência não é natural, mas deve ser ordenada juridicamente.

Rejeitando a ideia de que a economia pertenceria ao plano infraestrutural e que a partir dela se determina a superestrutura jurídica (DARDOT e LAVAL, 2016, p.103), entendem estarem articulados (economia e o Estado) numa função de legitimação mútua, diferente do que ocorreu no século XVII, onde o advento do mercado ocorreu no seio das nações já consolidadas politicamente. O ordoliberalismo pregava que as relações sociais naturais de concorrência e liberdade teriam sido quebradas pelo Estado totalitário (nazista), e que uma nova ideologia seria necessária para reconstruir a nação em torno de um projeto político econômico liberal.

A interferência do Estado se daria por dois mecanismos, os de ordenação política ao criarem um quadro institucional ao funcionamento livre da economia de mercado, e o de regulação que fiscalizaria os desvios (cartéis, mercado de trabalho, política fiscal), mas não interfere na economia como propunha Keynes. Para que isto funcione, os ordoliberais pensam a sociedade ideal como uma sociedade de empreendedores produtores-consumidores, e sua base organizacional seria uma “sociedade de direito privado”. Denominam tal ideologia e prática de economia-social de mercado, pois dizem respeito ao poder de escolha e se ater às pessoas, por isso social. Na sua lógica, quanto mais livre e menor a intervenção melhor em contraposição aos socialistas e comunistas que sempre é apresentado como alternativa. Neste ponto, observa-se que as políticas de combate a desigualdade que existiram na Alemanha no pós-guerra seriam resquícios de antes das guerras, ou seja sociais e contrárias ao ordoliberalismo.

Uma das novidades em relação ao liberalismo clássico, é o de perceber que as relações sociais são importantes de serem preservadas, para não haver revolta contra o mercado. Isso gerou a necessidade de um programa sociológico para conduzir a sociedade a se ajustar à economia de mercado; a proletarização era vista como um problema por tirar os meios das pessoas, antes artesãos; e tal sociedade deveria se pautar na devolução de

meios de produção para as pessoas onde a pequena empresa familiar deveria ser o padrão. O ordoliberalismo seria uma via entre intervencionismo total (comunismo) e não intervencionismo (liberalismo clássico), e para tanto, prevê a intervenção nos indivíduos para que se adaptem a tal lógica da economia de mercado.

Uma segunda perspectiva, também incorporou parte destes pressupostos, com os teóricos neoliberais (Hayek e Mises), mas que divergem dos ordoliberais por não acreditarem na intervenção estatal. Mas, eles não são simples ressuscitadores do velho liberalismo pois pregam basicamente duas ações, uma destrutiva do Estado e de suas políticas; e outra construtiva, do Mercado a partir das pessoas, produzindo todo o indivíduo como empreendedor e contra o Estado, pois o consideram inibidor do desenvolvimento.

O mercado já não seria mais o liberal que trata da economia, mas uma estrutura que produz seus membros, produz o homem-empresário, produz tudo e todos. Para tanto incorporam, além da dimensão econômica e política, uma praxeologia, o estudo das ações do ser humano, o qual deveria ser o objeto deste novo *homo-economicus*. Tal homem-empresendedor é a pedra fundamental da sociedade livre. Porém não todos, somente os mais capazes, aos que fossem capazes de empreender, os “condutores”. Para Ludwig Von Mises a não intervenção na economia se justifica, não mais por naturalismo (como na teoria liberal clássica), mas por entender que no mercado não se fazem necessários julgamentos morais. Em outras palavras propõem-se o abandono às regras morais para ampliar a lógica da concorrência a toda a sociedade, logo “todos os trabalhadores devem olhar para sua função e seu compromisso com a empresa com os olhos do gestor” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.154).

Para justificar a não intervenção estatal sem recorrer ao naturalismo como o liberalismo clássico, Hayek substitui a oposição entre o natural e o convencionalizado por uma relação tripartite: a taxis (ordem fabricada, a economia como exemplo); o kosmos (natural, que encontra em si o próprio motor) e a spontaneous order (espontânea, necessária para explicar o mercado para além da taxis). Assim enfatiza a incerteza do mercado, retomando o conceito de mão invisível ao mesmo tempo que faz analogia a Darwin, ao comparar a “espontaneidade” do mercado com a evolução biológica sem deixar de afirmar a economia enquanto constructo humano.

## **1.2 - A Aplicação da nova Razão**

No final dos anos 1970 na Inglaterra (Thatcher foi ministra da educação da Inglaterra), e depois nos 1980 primeira ministra com seu aliado Ronald Reagan (EUA), aplicam na prática, em primeira mão, a cartilha neoliberal. A chamada “grande virada” a partir de então fez com que o mundo passe a operar sob a lógica neoliberal, desde a nova

direita até a “esquerda” criando uma nova ordem econômica, potencializada pela globalização financeira emergente desde a crise do petróleo nos inícios dos anos 1970. A mundialização se efetivou com a criação de regras (ajuste fiscal, privatizações) impostas aos países emergentes que necessitam empréstimos dos organismos internacionais (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, etc.), chamadas de Consenso de Washington.

Nos países menores - da periferia e dependentes, ou simplesmente de governos servis dos países mais fortes ou ideologicamente a eles afinados - a privatização das estatais e a entrada em mercados internacionais foi a regra, colocando cada vez mais tais países sob controle dos organismos financeiros internacionais. O mercado financeiro passa a ser o centro da economia, orientador e guia de todas as atividades devido a desvinculação da produção material da de papéis especulativos que periodicamente criam “bolhas”, e crises em decorrência, destruindo e/ou prejudicando poupadores, trabalhadores, cidades, países, bens etc. para logo a seguir surgirem novos movimentos especulativos.

Mises, Hayek, Stigler e Friedman entenderam a necessidade de disputar as consciências e se esforçaram em propagar o neoliberalismo com obras que trouxessem a opinião pública, ou ao menos a das elites. Nos anos 1990 surgem os “evangelistas de mercado”. Friedman considera um Estado ótimo como responsável por 10 a 15 por cento do PIB, pois para ele, as políticas de assistência e a ideia de “bem estar social” destrói os valores necessários à humanidade (honestidade, esforço pessoal, civilidade, patriotismo); e de que, as desigualdades surgem devido às políticas públicas que levam as pessoas a se acomodar<sup>9</sup>. As políticas de assistência, para eles, encorajam os pobres a serem pobres, e ao não ter a riqueza como objetivo fogem à lógica do sistema; e portanto, a solução seria acabar com as políticas, individualizando a culpa e com a privatização forçando-os a seguir a lógica mercantil.

Friedmann, inclusive associa a criminalidade com a expansão do Estado; e o desemprego seria uma variável de ajuste necessária na luta contra a inflação, tratado como “taxa de desemprego natural”. O culpado pelo desemprego é do indivíduo, pois deve aceitar qualquer emprego, e não depender do Estado, portanto, da coletividade ao receber assistência. Assim, a partir dos anos 1980 tivemos essa “grande virada” que veio acompanhada de um ataque a todo investimento Estatal, nos Estados Unidos inclusive uma lei que congelou os gastos públicos por 10 anos, agora reproduzida no Brasil no governo Temer. Além disso várias leis reduziram o poder de ação dos sindicatos internamente; enquanto, na geopolítica se radicalizava o combate ao comunismo, aos governos de esquerda ou democratas, bem como na implementação de mecanismos de controle e implementação global de tais políticas e ideologias.

9 Ver a comissão e discussões dos capitalistas nos anos 1970 em alternativa ao estado de bem estar social: <<https://worldofsecrets.org/pt/2016/09/trilateral-commission/>>; ou o chamado como o clube dos ricos, pelo Le Mond, <<https://diplomatie.org.br/o-clube-dos-ricos/>>, acesso 15/05/2019.

A lógica do mercado e da concorrência é individualizada, ou seja, produziu-se a ideia/prática de que cada indivíduo é responsável pelo ganhar ou perder, diferente da lógica direitos, por exemplo; naquela até a família passa a ser pensada como empresa. Como exemplo, é a retórica dos jornais ao associaram as finanças familiares à do País, para justificar os cortes de recursos nas políticas públicas, e à privatização. Assim como a ideia coercitiva da busca da rentabilidade deve passar da empresa aos colaboradores, de mecanismos de gestão na cobrança de metas individuais, do mérito, recompensas, rankings etc. são parte destes dispositivos que foram sendo introduzidos e na atualidade generalizados em nossas sociedades.

Até a esquerda parlamentar adotou tal discurso, do incentivo ao empreendedorismo, e na crítica à velha esquerda como fez o partido trabalhista e Tony Blair (Inglaterra), por exemplo, criando a terceira via e seguindo o discurso da própria Margareth Thatcher: “O Estado é o leme, quem deve remar é a iniciativa privada”. O neoliberalismo (seu conceitos, ideias e perspectivas) desde então assumiu um papel de não ser ideologia, ou seja, de se apresentar para além da discussão entre direita e esquerda, tornando as medidas de ajuste e corte de direitos como algo dado e fora da disputa política, como questão técnica.

Importante ressaltar que o espaço de organização mundial da economia, desde antes deste período e fortalecido nele, é a OCDE e os fundos de financiamento são o FMI e Banco Mundial, ambos de domínio estadunidense e inglês. Esta realidade começa a ter um contraponto com a consolidação dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) em 2011, enquanto cúpula política e econômica que em 2014 buscou criar um outro fundo, o Novo Banco de Desenvolvimento. Mas com o novo cenário depois de 2016, tal estratégia na América Latina foi desmantelada com a derrubada, derrota e fim dos governos populares ou alternativos à ofensiva neoliberal, conservadora e fascista atual capitaneada pelos norte-americanos.

### **1.3 A construção do Novo Sujeito**

Portanto, como já explicado, para além de pensar uma nova lógica das relações políticas e econômicas, o neoliberalismo de Hayek e Mises (e outros menores, como Friedman) se propõem a produzir uma nova maneira de ser, de estar e de pensar em conformidade aos valores, hábitos e atitudes empresariais como modo de vida. Este sujeito neoliberal está atrelado a uma lógica de submissão ao desempenho individual, pela qual se percebe como dependente dele mesmo, onde as políticas públicas, os impostos, o Estado ou qualquer ação de governo seria uma intervenção em seu viver e fazer. Mudança que difere do sujeito produtivo e penitente, o sujeito ideal da revolução industrial que tinha no espaço da fábrica ou da empresa, o locus de seu fazer. Agora, o sujeito ideal passa a ser o

competitivo, o ator ativo e empreendedor e dono de seu negócio, que tem sucesso por seu mérito em detrimento dos outros, na luta e destruição dos outros/as. Isto é percebido tanto do olhar sociologia quanto da psicanálise. “O sujeito produtivo foi a grande obra da sociedade industrial” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.325), e agora está obsoleto, substituído pelo sujeito empresarial.

Em todos os âmbitos da vida se proliferou a ideia de que você é o responsável pelo seu desempenho; mas para tal, “novas técnicas da empresa chegam ao cúmulo da alienação ao pretender suprimir qualquer sentimento de alienação: obedecer ao próprio desejo ou ao do Outro que fala em voz alta dentro de nós” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.327) é o motivador do exercício da liberdade de mercado sem fim. A grande novidade é de que qualquer dimensão da vida pode ser pensada e discutida a partir dos referenciais de desempenho e competitividade. “A racionalidade empresarial apresenta a vantagem incomparável e unir todas as relações de poder na trama de um mesmo discurso” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.331).

Porém, destacamos que seria um erro pensarmos que isso se efetivaria de forma automática, e livre como pregam, pois na produção de tal hegemonia foram produzidas diferentes técnicas como o coaching, programação neurolinguística e análise transacional, etc. no sentido de ajudar cada indivíduo a encontrar em si mesmo os recursos para se tornar mais competitivo. Tal estratégia neoliberal de tornar todos os trabalhadores empreendedores, tem como finalidade produzir uma sociedade onde o senso de coletividade não exista mais, e sim uma multidão de empresas de si próprio.

Uma das consequências mais seguras é, sem dúvida, que as “transações” ganham cada vez mais espaço em detrimento das “relações”, a instrumentalização do outro ganha importância em detrimento de todos os outros modos possíveis de relação com o outro. (DARDOT e LAVAL, 2016, p.352)

A competitividade como fundamento da vida é produzida visando ser incorporada não só na dimensão econômica, mas inclusive nas questões pessoais, até mesmo na sexualidade, onde a busca pela satisfação é menos relevante do que a busca por um padrão de desempenho. De maneira geral o objetivo da vida é alcançar padrões de desempenho, de sucesso, de vitória, de derrota dos outros, de estar na frente, etc. No âmbito do trabalho, a busca da produtividade, do rendimento, da redução de custos e da competição interna via estratégias de gestão de si e de grupos de produção. A pertinência da liberdade de escolha e da autonomia, também acaba por ser um dos parâmetros incorporados à lógica do desempenho, inicialmente tratada como fundamento da construção de uma sociedade mais justa, teve seu sentido cooptado pela lógica neoliberal:

Numa ‘sociedade aberta’, todo indivíduo tem o direito de viver como bem

entende, escolher o que quiser, seguir as modas que preferir. A livre escolha não foi recebida inicialmente como uma ideologia econômica de 'direita', mas como uma norma de conduta de 'esquerda', segundo a qual ninguém pode opor-se à realização dos seus desejos." (DARDOT e LAVAL, 2016, p.360)

Alguns sintomas são apontados por Dardot e Laval (2016), em decorrência, de tal lógica de competição:

*Sufrimento no trabalho e autonomia contrariada*: o esforço pelo desempenho não é mais imposto; mas está na própria mentalidade do empregado. Este acaba, quando não cumprindo com os objetivos, não mais conflitando com o superior, mas com ele mesmo "O conflito social é impedido porque o poder é ilegível"; e explicaria "parte dos novos sintomas de 'sofrimento psíquico'." (DARDOT e LAVAL, 2016, p.364).

*Corrosão da personalidade*: a mudança da relação, que antes era de contínua progressão profissional e pessoal, agora pela busca imediata e competitiva, ocasionam um abandono das perspectivas a longo prazo.

*Desmoralização*: quando o objetivo passa a ser apenas a competitividade, princípios como de generosidade, lealdade, solidariedade se perdem; a união se dá em torno de objetivos efêmeros, mercantis, de lucro, da busca de vantagem; onde se alimentaria o desprezo pelas pessoas menos produtivos, fortalecendo discursos racistas, capacitistas, xenófobos, contra os pobres, os desempregados, os menos produtivos, entre outros.

*Depressão Generalizada*: a responsabilidade pelo desempenho, traz consigo a individualização de todas as escolhas importantes da vida, extinguindo-se a responsabilidade coletiva pelas mesmas; o ser "bem sucedido" para uns é a sombra do "fracasso" para muitos, levando-os à depressão e a busca de superação desse estado através de fugas/vícios:

O remédio mais propalado para essa 'doença da responsabilidade', essa usura provocada pela escolha permanente, é uma dopagem generalizada. O medicamento faz as vezes da instituição que não apoia mais, não reconhece mais, não protege mais os indivíduos isolados. Vícios diversos e dependências às mídias visuais são alguns desses estados artificiais. O consumo de mercadorias também faria parte dessa medicação social, como suplemento de instituições debilitadas." (DARDOT e LAVAL, 2016, p.367)

A ordem neoliberal opera um dismantelamento do que sobrou da própria democracia liberal. Ao colocar todas as ações, tanto do Estado quanto do indivíduo sob a lógica da concorrência e da rentabilidade propicia uma guerra de todos contra todos onde vencem os poderosos! A primazia do privado como absoluto, a destruição da ideia do público e das ações do Estado acima da sociedade (na versão social-democrata ou do ordoliberalismo) é efetivada 24 horas por dia, da apologia da decisão técnica em política, do desempenho e da avaliação se generalizaram como exemplos de tal fascismo neoliberal totalitário gestado em vigente entre nós. Tal apagão da dimensão política do Estado gerou

uma nova maneira de se relacionar com os serviços públicos. Deixa-se de tratar os serviços básicos como garantia da cidadania para toda a população, e se passa a pensar em todos os serviços em termos de custo, e além, é questionado o merecimento das pessoas no acesso a estes serviços, reforçando as lógicas de exclusão:

Sob este aspecto é espantoso constatar a que ponto a contestação dos direitos sociais está intimamente ligada à contestação prática dos fundamentos culturais e morais, e não só políticos, das democracias liberais. O cinismo, a mentira, o menosprezo, a aversão à arte e à cultura, o desleixo da linguagem e dos modos, a ignorância, a arrogância do dinheiro e a brutalidade da dominação valem como títulos para governar em nome apenas da “eficácia”. Quando o desempenho é o único critério de uma política, que importância tem o respeito à consciência e à liberdade de pensamento e expressão?” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.382)

Desde sua concepção, na visão de Hayek, mas também de outros, como Mises e Friedman o neoliberalismo não possui uma necessária vinculação com a democracia, a primazia da liberdade é no âmbito individual, de liberdade de escolha e de concorrência. A liberdade para a participação política e de construção direta das decisões de sua sociedade nunca foi um princípio neoliberal, tanto é assim que, tal racionalidade (e os interesses que a ela estão associados) é capaz de articular-se com muita facilidade a outras ideologias, como contemporaneamente ao neoconservadorismo, ao reacionarismo, à ditadura (Pinochet e Salazar), ou a Bolsonaro e Trump, onde pautas de retrocesso em direitos sociais tomam espaço e força nesta sociedade sem ameaçá-la, pois como eles dizem: liberal na economia e conservador nos costumes.

## **Parte 2 - A Estratégia Atual de Manutenção da Ordem Mundial**

Com o término da polarização mundial entre EUA e URSS, os primeiros assumiram um papel hegemônico de controle econômico, político e militar no globo. A partir dos anos 80, conforme argumentado anteriormente, passaram a implantar de maneira mundial a lógica econômica e social do neoliberalismo. Contemporaneamente, a emergência de outros países como potências mundiais e a sua articulação enquanto bloco (em destaque o BRICS, formado por China, Rússia, Índia, África do Sul) começa a consolidar alternativas a unipolarização estadunidense.

Como forma de impedir um futuro multipolarizado da geopolítica e economia mundiais, os EUA têm criado estratégias para manter sob controle regiões periféricas das grandes economias emergentes. O objetivo é retirar do comando governos não alinhados a Washington e substituí-los por outros, leais aos estadunidenses. Kurybko (2018) mostra que atualmente o mecanismo de guerra tradicional, enviando forças militares e promovendo a guerra diretamente contra os governos, como utilizado desde o final da segunda guerra,

como o exemplo do Vietnã, e mais recentemente no Afeganistão e Iraque, não se mostra mais viável como forma de ação.

Ao invés da intervenção direta, passaram a utilizar mecanismos de intervenção indireta, o que Kurybko (2018) têm conceituado como Guerras Híbridas, por se utilizarem de duas táticas, a das Revoluções Coloridas e de Guerras não convencionais. Segundo seus estudos, essa nova forma de intervenção foi utilizado na troca de regimes da Tunísia, Argélia, Jordânia, Egito e Iêmen (primaveras árabes). Esta nova estratégia permite ao governo estadunidense tutelar as ações sem protagonizarem o conflito, nos termos de Kurybko (2018), lideram através de uma “liderança velada”, agindo por procuração, com seus interesses sendo operados por grupos aliados dentro dos próprios territórios em conflito.

As Revoluções Coloridas possuem como padrão uma massificação de informações de desestabilização dos governos em que foram aplicadas. A questão da propaganda é prioritária, pois a ideia principal é criar um clima de desconfiança e raiva do governo. Este é o cenário necessário para legitimar a derrubada do mesmo, sem que haja de fato justificativa para retirá-lo. Neste ponto que o segundo pilar opera, o de guerras não-convencionais, pois os golpes de estado aplicados de uma nação em outra, sempre envolveram as forças armadas guerreando (mesmo que não entrando em conflito). Agora os que se insurgem são grupos da própria nação golpeada. Movimentos que começam a contestar o governo, tanto da sociedade civil quanto setores das próprias forças armadas colocam em prática uma estratégia contra a própria nação, no sentido de colocar no governo alguém alinhado a Washington.

Todas as operações que envolvem a aplicação das guerras híbridas são descritas por Kurybko (2018) como idênticas em todos os países do oriente médio e leste europeu em que foram aplicadas. Uma delas é a formação de grupos propagadores de ideais “liberais” dentro dos países, que além de buscarem formação em redes correlatas dos EUA, se empenham em ser correia de transmissão da perspectiva de dominação estadunidense, bem como desenvolver subjetivamente e objetivamente o golpe de estado através da guerra híbrida. Entendemos que a mesma estratégia tem sido usada no Brasil, pois possui as mesmas características, inclusive a formação dos grupos dedicados a colocar em prática o golpe, propagando e fortalecendo de maneira geral a ideologia neoliberal em nosso país.

## **2.1 - A Aplicação desta Estratégia no Contexto da FURG - Rio Grande**

Em dezembro de 2013, foi criado na cidade do Rio Grande, mais especificamente dentro da Universidade Federal do Rio Grande, um coletivo chamado Clube Atlântico,

vinculado a rede Estudantes pela Liberdade<sup>10</sup>. O objetivo deste grupo é de discutir o liberalismo econômico e atuar em prol da, dita por eles, “liberdade”<sup>11</sup>. Entendem por pressuposto de que liberdade é a liberdade individual, de livre mercado e de iniciativa, afim à pregação neoliberal. Este não foi o único grupo a se consolidar entre estudantes do Brasil neste mesmo período pré golpe de 2016 e posteriormente. Junto a EPL, outro grupo de características semelhantes, mas não limitado ao âmbito estudantil foi o MBL (Movimento Brasil livre)<sup>12</sup>.

No Rio Grande do Sul, também foram constituídos o Clube Planalto (Passo Fundo), Clube Farroupilha (Santa Maria), Grupo Galts (Bento Gonçalves), Clube Aldeia Livre (Gravataí), Atlantos (Porto Alegre), Clube Liberal Missioneiro (Santo Ângelo), Clube Vinha (Caxias do Sul), Clube Celeiro (Santo Augusto). Em Rio Grande, ao se buscar na página do facebook, dentre as pessoa que consolidaram e vieram a fazer parte da sua coordenação, encontram-se pessoas ligadas posteriormente a partidos de direita como Progressistas, PSDB, Partido Novo, Democratas e PEN.

O Clube Atlântico esforça-se para deixar explícita a sua vinculação, para além da rede a nível nacional (EPL) com a iniciativa mundial de formação de lideranças neoliberais, através da rede Student for Liberty, conforme postagem de junho de 2014, onde fora realizado encontro estadual. Além disso chama atenção a subserviência aos símbolos estadunidenses (como a continência do atual presidente à bandeira estadunidense), como a postagem de julho de 2017, sobre o dia da independência dos Estado Unidos, para eles:

O 4 de julho é um feriado americano. Mas seu significado deveria ser comemorado por todos os que amam a liberdade...basta conhecer superficialmente sua história para perceber que seu significado não é local ou pontual, e sim algo a ser celebrado não apenas pelos Estados Unidos da América, mas por todo o mundo livre.

Por outro lado, em abril de 2016 tentaram vincular o fascismo às ideologias de esquerda, negar que foram iniciativa historicamente surgidas no campo da direita, da extrema direita. Manifestação recente ocorreram pela família Bolsonaro quando da visita a Israel e até do ministro das relações exteriores, o que mostra uma similaridade de ideias e perspectivas entre estes personagens.

Em relação ao entendimento econômico, seguem estritamente os preceitos do neoliberalismo, como mostraram em maio de 2016 ao reproduzirem ideia de Hayek de que “A relação trabalhista, longe de ser uma situação de exploração, é apenas uma relação de

10 Ver página EUA, <<https://www.studentsforliberty.org/>>, acesso 14/05/2019.

11 Ver notícia de evento na página da FURG, do “o ciclo de palestras “Caravana da Liberdade”, que traz a Rio Grande o seminário “Imagina depois da Copa”, in: <<https://www.furg.br/noticias/noticias-arquivo/furg-23450>>, acesso 14/05/2019.

12 O MBL grupo de papelão, ver <<https://limpinhoecheiroso.com/2018/04/02/o-mbl-e-um-grupo-de-papelao/>>, acesso 14/05/2019; MBL e rede Atlas, <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>, acesso 14/05/2019.

troca entre bens presentes (o capital do capitalista) por bens futuros (os bens que serão produzidos pelos trabalhadores e pelo maquinário utilizado, e que só estarão disponíveis no futuro).” Ainda em maio de 2016 reafirmam a crença de que “não há absolutamente nenhum motivo para crer que homens dotados com o poder da coerção — como são os políticos e os empresários que atuam em um mercado fechado pelo governo — irão se comportar mais moralmente do que as pessoas em um ambiente de livre concorrência”. Ou quando, tratam do desemprego em relação ao desenvolvimento tecnológico, em junho de 2016, ao afirmarem que a mecanização não gera desemprego, que afirmações como essas são falsas.

Outra demonstração da vinculação do ideal e da prática neoliberal é a reprodução, em abril de 2016 da frase “A crise é o melhor cenário para despertar o espírito criativo nas pessoas”, e disso, justificam o empreendedorismo como solução aos problemas individuais; e de em maio de 2016 ao afirmarem que “talvez a maior de todas as falácias ruminada pelos socialistas seja a que diz que desigualdade é um mal em si mesmo e está diretamente relacionada à pobreza.”

De maneira mais enfática, dedicam-se a criticar os impostos, em postagens em junho de 2015, abril de 2016, abril de 2017, julho de 2017 e agosto de 2017. Na última mencionada, comparam o governo a um “Robin Hood” às avessas, como se a devolução em serviços públicos do dinheiro arrecadado com impostos fosse uma forma de roubo à população. Discurso que alimenta a ideia de que os mais pobres não devem possuir direito aos serviços públicos senão por mérito próprio, como argumentado na primeira parte do trabalho. Para além disso, na postagem de abril de 2016, fazem uma absurda comparação (ou por má fé ou por ingenuidade) entre a taxa de impostos atuais (pagas pelo contribuinte ao estado brasileiro) com a de 20% que era paga pelo Brasil a coroa portuguesa, que teria levado Tiradentes a pautar a independência.

Quanto às questões da política nacional, e das mobilizações ocorridas em relação a elas, marcam o posicionamento de maneira contundente a favor dos movimentos pró-golpe, postando em março de 2016 a participação do grupo na manifestação realizada na cidade. Nos outros momentos, se dedicam a criticar, quando não ridicularizar as mobilizações, como por exemplo em abril de 2017, em duas postagens em relação ao processo contra o ex presidente Lula e sua vinda até a cidade do Rio Grande. Também, contra a greve de professores em cinco postagens do mês de novembro de 2016, deslegitimando as assembleias discentes e docentes de apoio a mesma e legitimando a manobra do Diretório Central (contra o estatuto da entidade), apoiando-se em consultas virtuais para justificar o apoio ao congelamento dos gastos públicos (PEC do Teto).

No âmbito da FURG, em março e maio de 2016 criticaram a criação da Frente em Defesa da Democracia, considerando que no espaço acadêmico não deveria ser pautado

defesas ideológicas, os quais eles mesmos realizaram trazendo norte-americanos e outros liberais para suas atividades. No mesmo ano (2016), em junho, se posicionaram contra a ocupação do prédio das pró-reitorias da universidade, realizada pelo movimento estudantil da FURG, devido aos cortes e/ou a ampliação da assistência estudantil da Universidade. Diga-se de passagem que no ano anterior o posicionamento do grupo também havia sido contrário a ocupação da reitoria, naquele momento a gestão do DCE se chamava Reação, cujo símbolo era uma mão direita na cor azul e o coordenador geral da entidade um dos membros fundadores do Clube Atlântico.

Ainda em Abril de 2017, em duas oportunidades o clube expõe seu posicionamento a favor da reforma trabalhista e contra as mobilizações populares que visavam combatê-la. Numa se vitimizando pela falta de ônibus na cidade, e na outra ridicularizando a greve geral convocada. Na Universidade, os únicos movimentos propositivos fomentados pelo grupo foram os relacionados ao empreendedorismo, como divulgação feita em maio de 2015, seguindo a cartilha da construção do novo sujeito neoliberal conforme argumentado no início do trabalho. E mais nada, além é claro da malversação de recursos, infraestrutura e outros do DCE.

Ainda em março de 2016, criticam a campanha do Coletivo Macanudos de combate ao racismo, divulgando na postagem uma foto de um estudante rasgando os cartazes confeccionados pelo referido coletivo. Sobre o feminismo, se posicionam em abril de 2016 como a seguinte frase: “Bela, recatada e do lar! Lugar de mulher é onde ela quiser e não onde o movimento feminista acha que deve ser.” Demonstrando que não entenderam nada da discussão sobre a igualdade de gênero, ou ainda, esfumaçam a discussão para que a preocupação central de todas as pautas se reduzam a liberdade estritamente individual e de mercado. Para finalizar a análise da página do clube, destaca-se a dedicação quanto a defesa do fim do estatuto do desarmamento (pauta comum dos grupos mais reacionários e do atual governo federal), em fevereiro e maio de 2017.

### **Considerações Finais**

Como argumentado, o neoliberalismo se tornou a racionalidade hegemônica da política e da economia mundial e que foi produzida no tempo mais longo - desde os anos 1970 (fins) e 1980 - a partir de governos mundiais como EUA e Inglaterra tendo como ideólogos neoliberais estabelecidos no primeiro, mas também de outros lugares, na produção do caldo de cultura que predomina na atualidade mundial. No Brasil, esta racionalidade de competição e individualismo se articulou com o retorno aos discursos conservadores e a ascensão de grupos fundamentalistas, militares, fascistas,

racistas/xenófobos, homofóbicos, patriarcais que agora assumiram o governo com Bolsonaro.

Para tanto, a retórica e a prática neoliberal ao mesmo tempo em que insere-se em governos que privatizam empresas públicas, incentivam o empreendedorismo na produção de sujeitos reorientados à lógica de mercado em detrimento dos direitos e da democracia, articula-se à globalização financeira e a emergência da acumulação flexível. Para manter a hegemonia do capitalismo global e financeiro a partir da década de 1970 e 1980, portanto, foram criados ou ressignificados antigos grupos especializados em promover a lógica de mercado e combater estes desvios, defender as privatizações, o combate ao Estado e as políticas públicas, a crítica a todos os movimentos que buscam o combate às opressões e fomentam o debate de fundo sobre a sociedade e a educação.

Argumentamos que, tal lógica neoliberal financeirizada e implementada a partir de estratégia de produção política, de condicionalidades econômicas, na formação e capacitação generalizada via empresas, institutos liberais, tinks tanks norte-americanos na América Latina. A consequência disso, ao menos no âmbito universitário, é o abandono cada vez maior das entidades do movimento estudantil e as pautas de melhoria na qualidade de ensino, para reorientação da organização dos estudantes em torno de empresas juniores e do debate sobre o empreendedorismo, da defesa do mercado e de apologia de que tudo que presta vem dos norte-americanos. O grupo analisado mostrou este tipo de estratégia desde a sua criação. E disso, podemos sugerir como hipótese de que a ampliação do adoecimento dos estudantes e professores decorreu desta pressão psicológica fascista destes estudantes que se dizem neoliberais através de suas pregações e ideologia, como argumentado na discussão sobre o novo sujeito neoliberal.

No desdobramento seguinte, tivemos o golpe de 2016 no qual muitos destes grupos estiveram na “ponta” liderando jovens e grupos sociais articulando-se com a mídia tradicional (na desconstrução das políticas públicas e na demonização das esquerdas) e nas redes sociais, analogamente ao ocorrido na Inglaterra, depois usada na eleição de Trump, e no Brasil para eleger Bolsonaro. As consequências seguintes, são as ações e políticas, medidas e atitudes do presidente que, para poder se manter e avançar em seus propósitos deverá radicalizar sua aproximação com os EUA.

Por fim, as possibilidades do fascismo neoliberal global estão na mesa, percebemos isso a partir do avanço da ultra-direita nas democracias europeias (SANTOS, 2018), seja na implementação das estratégias norte-americanas de guerras híbridas nos países periféricos à Rússia/China e também na América Latina. O que pode-se esperar, para além do avanço da dominação, possíveis conflitos globais entre EUA e Rússia/China.

## **Referências**

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo. 2016.

FIORI, José Luis. Sobre a Guerra. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

KURYBKO, Andrew. Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular. 2018.

LEFEVBRE, Henri. A re-produção das relações de produção. (1ª parte de Survie du capitalisme, 1973). Porto: Escorpião, 1973.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Vivemos um ciclo reacionário diferente, que tenta acabar com a distinção entre ditadura e democracia”. EL País (Espanha), 6 nov. 2018, in: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/02/internacional/1541181915\\_050896.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/02/internacional/1541181915_050896.html), acesso 07/05/2019.

SVAMPA, Maristella. Consenso das Commodities, giro ecoterritorial y pensamiento crítico en América Latina. Revista OSAL – Observatorio Social de América Latina CLACSO, n. 32, p.15-38. Buenos Aires. 2012.